

RESENHA DO LIVRO

SOCIEDADE DA TRANSPARÊNCIA

BOOK REVIEW

THE TRANSPARENCY SOCIETY

*Rhuann Fernandes**

Referência da obra completa da obra resenhada: HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência.** Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2014.

A necessidade de fundamentar um novo campo de estudos sociológicos vem surgindo a partir das análises e questionamentos recentes que são exercidos sobre as redes sociais digitais. Muito se fala em uma sociologia da internet e/ou uma ciência social computacional que consiga investigar uma proporção crescente de atividades humanas, como interações sociais e entretenimento dos indivíduos nas redes, que permita examinar e interpelar o comportamento desses frente às tecnologias digitais e verificar a ampla disponibilidade de extensos registros de comportamento individual. Considerando esses aspectos, faz-se necessário refletir de que forma as novas modalidades tecnológicas que são compartilhadas mundialmente podem transformar hábitos e homogeneizar as estruturas de diferenciação nas sociedades, levando em consideração que vivemos numa coletividade hiperconsumista. Isto é, é possível observar uma lógica de operação do capitalismo neoliberal em escala global, que têm tendências muito homogeneizantes, em que se pode fazer paralelos e aproximações com indivíduos em vários lugares do planeta no que se refere ao uso das redes sociais digitais.

Em outras palavras, é indispensável destacar a ideia de que os modos os quais as sociedades consomem as plataformas online possibilitam moldar os comportamentos dos indivíduos que nela vivem e interferir no processo de sociabilidade desses. Em realidade, essa é uma das formas de controle social possibilitadas pelo capitalismo informacional, pois quanto mais análogos são os indivíduos, mais o capitalismo produz. O atual sistema econômico necessita da existência de uma similitude entre as relações sociais construídas pelos indivíduos, visto que o neoliberalismo não funcionaria se as pessoas fossem diferentes, já que a partir das redes sociais digitais são produzidos dados quantificáveis que possibilitam enxergar tendências e reações, que são resultados de operações algorítmicas que dominam os indivíduos sem que eles percebam, igualando-os. Sendo que tudo o que é publicado e publicizado nas redes é passível de ser empacotado e vendido em forma de dados para grandes empresas e empresários, como podemos observar, por exemplo, pelas polêmicas recentes que envolveram as políticas de privacidade do Facebook. Nesse sentido, os indivíduos são transformados em divíduos (divisíveis), uma massa que é somente um conglomerado de dados. Em outros termos, a globalização exige a superação das diferenças entre as pessoas, pois quanto mais estas forem idênticas, mais veloz é a circulação do capital, das mercadorias e da informação. A tendência é para que todos se tornem semelhantes enquanto consumidores.

Por esse ângulo, criticando com veemência o que seria o atual “inferno do igual”, Byung-Chul Han, em sua obra *A Sociedade da Transparência*, nos apresenta constantes reflexões filosóficas. No livro, o filósofo germano-coreano cria os argumentos em torno dessas fundamentações, buscando compreender diversas dimensões sociais da vida humana. Leva-se em conta que há um vazio existencial preponderante entre os indivíduos, que os torna reféns dos grandes fluxos da internet e do capital, onde esses sujeitos se convertem em seres plenamente incompletos. A completude viria na busca permanente por luz e por transparência sobre o outro, apesar desse outro, na maioria das vezes, prosseguir o igual, sendo idêntico a quem o procura. O autor dissecou tais temas e elementos dentro de nove pequenos capítulos: 1º *Sociedade Positiva*, 2º *Sociedade da Exposição*; 3º *Sociedade da evidência*; 4º *Sociedade Pornográfica*; 5º *Sociedade da Aceleração*; 6º *Sociedade da Intimidade*; 7º *Sociedade da Informação*; 8º *Sociedade do Descobrimento* e 9º *Sociedade do Controle*. Com originalidade no enfoque sobre o tema da transparência, sem, contudo, explorá-lo de forma exaustiva, Han instiga o leitor dentro de uma crítica também direcionada aos processos de posituação das relações, acompanhando questões colocadas por autores como Walter Benjamin e Agamben. Importante dizer que Byung-Chul Han atualmente é professor de Filosofia e Estudos Culturais na Universidade de Berlim, onde dirige um programa de Estudos Gerais. Além do livro *A Sociedade da Transparência*, ele debate também as questões levantadas aqui em mais quatro obras: *A expulsão do outro* (2018); *O aroma do tempo* (2016); *A agonia de Eros* (2014) e *A sociedade do cansaço* (2014).

Han, inicialmente, questiona o fato das redes se tornarem um fator homogeneizante das relações sociais, não havendo espaços para contranarrativas, só para uma forma: a narrativa irrefutável do igual, que seria a nova forma que a sociedade da transparência encontrou para vigiar seus habitantes, modelando-os por intermédio da transparência e vigia mútua nas redes. Assim, ele direciona seu argumento afirmando que as relações são trocadas pelas conexões, nas quais os indivíduos acham o próprio reflexo de si (narcisismo), já que se tem a possibilidade de excluir aquilo que não se curte ou contraria suas expectativas, visto que o igual não pesa e muito menos magoa. Logo, as redes difundiriam aquelas partes do universo que nos cativam, quer dizer, as conexões que realizamos por intermédio das redes sociais não servem para nos aproximar dos outros, pelo contrário¹. Ora, é um aplicativo ideal para encontrarmos indivíduos que pensam de maneira idêntica a nós, fazendo passar longe dos desconhecidos e de quem difere de nossos princípios, o que nos permite ter relações e comportamentos extremamente previsíveis.

A discussão em torno dos temas transparência, exposição, vigilância e controle é o aspecto mais interessante e central abordado pelo autor, pois ele consegue desenvolver uma conexão concreta entre tais elementos, investigando como uma dimensão está atrelada à outra e de que maneira todas essas sustentam o que ele denomina como Sociedade Transparente. Além disso, Han busca compreender o quanto esse discurso de transparência desassossega os indivíduos, aparecendo e crescendo no corpo social à medida em que se propõe mais vigilância e mais controle, que, aparentemente, é admitida enquanto uma aposta necessária para convivência entre os próprios. Um desses desassossegos estaria presente no medo de estar perdendo algo ou até mesmo tudo do que está acontecendo do “lado de fora”, o que, na atualidade, se justifica pelo medo da não-informação e por isso se mantém tanto tempo

¹ Refiro-me ao Facebook por ser a rede social mais utilizada e o terceiro site mais visitado do mundo.

conectado. A sociedade da transparência conseguiu de forma bem menos analógica e mais virtual alcançar níveis de controle constante em todos os espaços, até mesmo o comportamento ao ar livre. Desse modo, na presente obra, Han problematiza a disposição e necessidade que os indivíduos sentem em se expor nas redes, um hábito que, no primeiro momento de sua obra, ele compara, de modo metafórico, à pornografia.

Sua obra nos instiga à reflexão sobre como os entrecruzamentos online podem se tornar problemáticos e perigosos à medida que alimentamos cada vez mais esse sistema econômico poderoso, pois, por intermédio de softwares cada vez mais inventivos, as redes conjecturam identificar o que queremos e nos direcionam para o consumo em massa, o que acaba por moldar nossos gostos e assimilá-los por meio da vigilância que é exercida a partir dos rastros de nossas ações que permanecem fixadas na internet, organizando extensivos arquivos sobre o nosso comportamento e modos de ser. Cardoso (2018) demonstra que “traços de personalidade e atributos pessoais são predizíveis a partir dos registros digitais deixados em redes sociais” (CARDOSO, 2018). Dessa maneira, o que podemos interpretar é que existem imensas possibilidades da previsão dos nossos comportamentos a partir de questões elementares, tais como as reações que fazemos no Facebook sobre algum produto ou uma mera pesquisa no Google sobre como presentear um amigo. Um dos questionamentos centrais de Han é como a apropriação desses dados por determinadas empresas de mídia social causam impactos direto no modo de agir dos indivíduos, sobretudo com relação à vigilância, o consumo hiperativo e a correspondência do descarte. Ou seja, descartar na mesma medida do que se consumiu, já que os produtos apresentados através das redes se tornam supérfluos e efêmeros de um dia para o outro, naquilo que o autor denomina de “alienação de si mesmo”, figurando-se no consumo exagerado de produtos ou entretenimento.

Levando isso em consideração, Han indaga a forma pela qual nos relacionamos hoje e a que ponto nossos elos são plastificados dentro dos enquadramentos funcionais da internet, na qual compartilhamos a vontade mútua de vigiar uns aos outros. Desse modo, segundo o autor, tornamo-nos seres operacionais, acabando por se converter em um elemento funcional do processo de exibição de nossas vidas, já que os indivíduos se veem induzidos à exposição a todo instante. A necessidade de esclarecimento presente pressupõe uma transparência recíproca, onde a sociedade submete os indivíduos a quase se adequarem em um comportamento padrão, de maneira que alimente o apetite por compartilhar partes cuidadosamente selecionadas de suas vidas pessoais na Internet, mesmo não sabendo quem terá acesso. Nesse sentido, apesar de quererem se mostrar diferentes, acabam agindo todos iguais, sem a autenticidade que se imaginam no momento da ação de se expor, pois a finalidade é produzir sempre a si mesmos. E um exemplo básico que poderíamos listar aqui é o fato da organização de nossas vidas ser baseada em torno das notificações de celulares e seus respectivos aplicativos, em que se é exigido dos indivíduos um imediatismo e uma correspondência constante e acelerada nas respostas, não cabendo ao ser um momento espontâneo e vazio, e, nesse caso, observamos novamente um padrão, pois o “estranho” é o indivíduo que demora a dar respostas na mesma velocidade ou aquele que se ausenta dessa relação.

Desse jeito, permitimos que a vigilância se intensifique e que essa seja usada para “iluminar” diariamente nossas vidas. É importante destacar que, para o autor, o processo de transparência vivo em nossa sociedade é gerado por meio de uma “luz”, e ele situa esse argumento em uma perspectiva histórica

comparada. Em outras palavras, Han diferencia o desejo da luz homogeneizadora que torna tudo liso em nosso convívio, da luz que sempre gerou oposições ao longo da história. Para ele, essa luz, desde a Antiguidade, através da Idade Média e até o Iluminismo, dominou o discurso filosófico e teológico, que exprimiu uma forte referência. Ela brota de uma fonte ou de uma origem exata na história do ocidente e o seu significado está em instâncias que obrigam, prometem ou proíbem, como Deus ou a razão. Por conseguinte, essa luz propicia o desenvolvimento de uma negatividade, que age em termos de polarização e gera oposições. À vista disso, a luz e as trevas são igualmente originárias, onde a luz e as sombras se pertencem mutuamente. A luz da razão e a obscuridade do irracional ou do simplesmente sensível produz-se uma à outra. E é isso que é contrário à nossa sociedade, pois falta a esta uma luz divina que implica uma tensão metafísica. Por isso, afirma-se que toda positividade é desprovida de transcendência. Segundo Han, a transparência não surge através de uma fonte de luz, “é antes uma radiação sem luz, que, em vez de esclarecer, tudo penetra e tudo torna transparente” (p.60). A luz que conhecemos no mundo digital é penetrante e atravessa, homogeneizando e nivelando, enquanto a luz metafísica gera hierarquias e distinções, e cria, desse modo, ordens e orientações para novas configurações políticas, pois permite uma poliracionalidade ao invés de linhas de pensamento unidirecionais que induzem a ações convencionais. Dessa luz homogeneizante nas relações, Han afirma que no inferno do igual, que iguala cada vez mais a sociedade atual, não mais nos encontramos com a experiência díspar, que pressupõe a transcendência, a radical singularidade do outro. Há o terror da imanência instalado, que transforma tudo em objeto de consumo.

Uma das estratégias de usos de informação online, analíticas e inteligentes que registram grandes volumes de dados dos indivíduos em rede que podemos destacar como exemplo, de maneira breve, é o *Big Data*. Associado ao poder da tecnologia de informação e aliado à estatística, programações matemáticas avançadas e estudos no campo das ciências sociais, o *Big Data* consegue estudar as mais diversas ações diárias da sociedade, inclusive as manifestações de usuários nas redes sociais, nas quais são fornecidos, sobretudo, dados valiosos para as empresas que almejam despontar no mercado, identificar as preferências de consumo, entender hábitos, detectar o público-alvo e sugerir a este certa demanda, além das informações sociais e demográficas. Assim, empresas utilizam as redes para conhecerem melhor seus clientes, entenderem seu comportamento de compra e sugerir opções que se enquadrem em seu perfil, com o objetivo de desenvolver e usar métodos digitais para influenciar pessoas a agir de determinadas maneiras, sobretudo no meio político, onde segundo Cardoso (2018), “o uso de *Big Data* e algoritmos na política é hoje uma das principais ferramentas à disposição dos grupos em disputa e dos atores envolvidos” (CARDOSO, 2018).

Mesmo não tocando nesse assunto diretamente, Han faz uma análise que nos leva a imaginar questões bem próximas e a transcender os limites de nossa realidade. Para o autor, nós fornecemos nossos dados através de nossas exposições conscientes, despindo-nos a todo instante com o objetivo de compartilhar medidas positivas, no sentido de trazer luz uns aos outros mostrando nossas vidas belas e assertivas, que na verdade confundimos com a tal desejada liberdade ou a prática dela. E é nesse ponto que concordamos abertamente em nos supervisionar, sem que necessariamente tenhamos permissão para tal, já que as redes nos dão certo consentimento com os termos de serviço e as políticas de privacidade, que por muitas das vezes não lemos por falta de paciência. À aparente liberdade dos

consumidores falta toda a negatividade, tanto que o Google e as redes sociais, que se apresentam segundo espaços de liberdade, adotam formas de monitoramento mútuo. Portanto, ao contrário do que moralmente se supõe nos dias de hoje, para o autor, “a vigilância que recebemos não se realiza como ataque à liberdade. É, antes, voluntariamente que cada um se entrega ao olhar panóptico, no qual todos estão de acordo” (p.72). Pode-se interpretar que nessas redes ficamos sob o olhar atento de todos os outros indivíduos, para espionar e sermos observados ao mesmo tempo, de maneira recíproca. O que não está nas redes, é como se não existisse. As redes se tornam um lugar excepcional para enaltecer o próprio ego e, por vezes, mostrar as vantagens adquiridas pelo que o dinheiro pode comprar, exprimindo as coisas a dimensão de preços na qual o consumo se torna ilimitado.

A partir da definição de “inferno do igual”, Han afirma que as pessoas vestem suas relações pela positividade dos fatos, seguindo uma mesma ordem em conjunto. “Há uma homogeneização dos comportamentos pela necessidade de transparência, já que as coisas se despojam de sua singularidade” (p.12). Traçando um paralelo com Crary (2014), pode-se dizer que “existe uma sincronização em massa da consciência e da memória” (CRARY, 2014), pois a padronização da experiência foi exercida em larga escala, o que implica, nesse caso, na perda de identidade e da singularidade subjetiva. Com tal característica, não há mais suspense ou obscuridade sobre o outro, não há mais vazios ou lacunas a serem preenchidas. A vontade incessante de clareza se tornou uma exigência onipresente, algo *sui generis*. O autor sublinha que a sociedade da negatividade é substituída por uma outra, na qual a negatividade é cada vez mais desarticulada em benefício da tal positividade. “A transparência é uma coação sistêmica que se apodera de todos os fatos sociais e os submete a uma transformação profunda” (p.13).

Por conta disso, as particularidades não importam mais, pois foram suprimidas. A valorização do novo, a demora para adorar e admirar as coisas tornam-se aspectos negativos em uma sociedade onde se preza pela imediatez/rapidez das coisas, as coisas tornam-se velhas e ultrapassadas rápidas demais, em instantes. O autor nos chama atenção afirmando que a sociedade se tornou mais rápida, o desejo é realizado sem contemplação e de uma forma muito líquida devido à falta de paciência. Essa dimensão é entendida pela aceleração que o mercado ou o atual “*modus economicus*” afeta e elabora relações em nosso meio social. Por esse ângulo, bem como constata Crary (2014), “as nossas relações são interpretadas que nem um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, na qual o consumo e o descarte ocorrem sem pausas” (CRARY, 2014). Desse jeito, identifica-se que a cultura de massas se torna algo inevitável, pois a iminente dessacralização do mundo e a laicização da cultura fazem com que nossas atividades sejam direcionadas ao valor de mercado, desconsiderando qualquer produção que não tem por fim fincar aos moldes da indústria em um cenário social como o atual, onde a cultura vira uma mercadoria padronizada a ser consumida.

Dentro dessas observações, Han destaca que os nossos valores estão ligados à velocidade de troca de informações e o consumo dessas. A hiperinformação e a hipercomunicação documentam a falta de verdade, e até mesmo a falta de ser. “Mais informação e mais comunicação não eliminam a imprecisão fundamental do todo. Pelo contrário, agravam-na” (p.20). Isso faz com que as pessoas não encontrem mais apreço pelas coisas, pois não se permite lacunas de informação nem de visão. A Sociedade Negativa, ao contrário da transparente, seria aquela que assume o valor de profundidade e exaustão da demora.

Na que vivemos, as pessoas não têm ou não sabem o significado da espera e paciência, as coisas acontecem de um modo muito precoce. Por isso, por meio da posituação dos fatos, a sociedade da transparência condena o segredo e o suspense, pois é algo negativo e nada atrativo para os indivíduos que a compõem, visto que esses vislumbram a exposição e detestam esperar para ver alguma coisa.

A partir dessas argumentações, Han descreve o fenômeno da exposição, tentando entender de que maneira os indivíduos querem tudo desnudar, inclusive as próprias relações. Estes acabam por adquirir uma necessidade de expor a si próprios, que é compartilhada no âmbito que vivem. Destarte, o intuito principal é gerar publicidade sobre si próprio. Por conta disso, a fotografia assume outro caráter e se transforma na mercadoria do século mediante as redes, o que ele vai definir como “capital da atenção” (p.22). A época do Facebook e dos programas que editam fotos, tal como o *Photoshop*, torna o rosto humano uma face que se dissolve por completo no seu valor de exposição. Por consequência, a face é entendida como o rosto exposto sem a aura do olhar, é o rosto humano sob a forma de mercadoria comercializável. Na sociedade exposta, cada sujeito se torna o seu próprio objeto de publicidade, o seu valor de exposição é a medida de tudo. Assim sendo, um bom ponto a se afirmar é que vivemos numa sociedade pornográfica, pois tudo é voltado para fora, descoberto, despojado, despido e exposto. As pessoas não pensam somente em si, mas de que modo os outros vão pensar e reagir sobre suas ações. Por isso, entende-se que as ações dos indivíduos em rede são movidas de acordo com a inspeção que será exercida sobre aquilo que será exposto por ele. “O excesso de exposição faz de tudo uma mercadoria, na qual tudo é entregue, nu, sem segredo, à devoração imediata” (p.24). A economia do sistema capitalista submete tudo à coação da exposição e só a encenação expositiva gera valor; renuncia-se, desse modo, a toda peculiaridade das coisas.

Dentro dessa perspectiva, observa-se que não temos mais a capacidade de nos aprofundar no prazer, no segredo e no desejo, bem como a sedução, que desaparecem, pois a sociedade transparente induz a exposição e a evidência o tempo inteiro. O objeto da composição dessa sociedade é o corpo nu, porque esse é positivado. Desse jeito, confirma-se, na perspectiva de Han, que essa sociedade busca ser lisa e plana e condena o mistério, sendo tudo exposto do jeito de mercadoria junto ao incentivo à hipervisibilidade. O autor vai destacar que no corpo social não se explora mais com intensidade as coisas plenas, como uma obra de arte. Tudo que está em um processo lento é colocado para fora. As coisas são visualizadas de modo operacional: o que não serve para o sistema capitalista, torna-se obstáculo, inclusive pessoas. O tempo, bem como as práticas humanas, devem ser aceleradas a qualquer custo. Os rituais e cerimônias têm o seu tempo próprio, o seu próprio ritmo e tato. A sociedade transparente elimina todos os rituais e cerimônias, na medida em que estes não podem se tornar operacionais, “porque são um obstáculo à aceleração dos ciclos da informação, da comunicação e da produção” (p.48-49).

Um dos pontos mais importantes, ao meu ver, na obra de Han, é o fato dele observar a existência da violência da transparência, que, à primeira vista, nos deixa um pouco intrigado e que nos faz ter sensações pouco sombrias mediante a sua perspectiva política pessimista. É dessa forma que ele começa a descrever a sociedade de controle, percebendo que, ao destacar todos esses pressupostos que advêm da transparência [citados acima], ele sintetiza dizendo que existe uma violência para as pessoas se tornarem cada vez mais transparentes. A partir disso, é mais fácil corrigir/controlar umas às outras, a

contar da denominação do “panóptico digital”. Assim, as pessoas agem de uma maneira quando sabem que estão sendo vigiadas e de outra quando não se tem essa sensação. Todavia, Han afirma que esse panóptico não é aquele que têm os olhos de vigilante em um centro do jeito que Foucault já explicitou em uma de suas análises para tratar da sociedade disciplinar. Pelo contrário, esse panóptico de Bentham, no qual um observa o outro sem ser visto, hoje cai por terra. Segundo Han, nós estamos inseridos no panóptico digital, que pressupõe uma vigilância e controle recíprocos dos fatos, onde cada um e todos controlam todos e cada um. Em vista disso, a peculiaridade do panóptico digital está no fato de os próprios indivíduos colaborarem de maneira ativa na sua construção e na sua conservação, na medida em que eles próprios se exibem e se desnudam nas redes. O exibicionismo e o voyeurismo alimentam as redes enquanto panóptico digital. A sociedade do controle se consoma onde o seu sujeito se desnuda não por coação externa, mas por força de uma necessidade gerada em si próprio, ou seja, “quando o medo de ter de renunciar à sua esfera privada e íntima cede à necessidade de se exibir sem vergonha” (p.68-69).

Em torno disso, entende-se que “o controle total aniquila a liberdade de ação e conduz, em última instância, à uniformidade” (p.69-70). Atualmente são exigidas novas configurações, inclusive dos espaços públicos, pois a transparência está ligada às formas digitais e estas alteram as relações dentro dos espaços que são compartilhados nas cidades. As relações que ocorrem no meio digital se confundem com os aspectos econômicos, à medida que são derivadas deles, enfim, são resultados previstos, planejados e administrados. Tais formas se ligam não só à economia, mas à sexualidade e ao espírito, sempre se alterando e dando novas configurações e sentido aos ambientes e como as pessoas irão se comportar neles diante aos novos meios de comunicações digitais. De todo modo, precisamos ter atenção na hora das escolhas, pois agora sabemos que com qualquer ação nas redes podemos contribuir para o panóptico digital, na medida em que nos desnudamos e nos expomos juntos à grande parte da sociedade. A saída, para Han, estaria na contemplação dos momentos vazios, em que não nos autoexplorássemos a partir das redes, buscando a reflexão profunda sobre nossas vidas na tentativa de encontrar outras narrativas, entendendo que a utilização das redes sociais é só um meio e não um fim em si mesmo. 🌀

* Rhuann Fernandes, à época da submissão, cursava o 5º período do Curso de Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rhuannfernandes.uerj@gmail.com.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CARDOSO, B. **Por que fazer uma sociologia da internet? Sobre o caso Cambridge Analytica e Facebook**. Disponível em: <<https://ledufrj.wixsite.com/ledufrj/single-post/2018/03/25/Por-que-fazer-uma-sociologia-da-internet-Sobre-o-caso-Cambridge-Analytica-e-Facebook>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

CRARY, J. **24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Recebido em 18/08/2017

Aprovado em 05/05/2018

